



Paneiro do Mangal: r-existência feminina em direção à agroecologia no maretório da Resex Marinha Caeté-Taperaçu, Bragança-PA

Paneiro do Mangal: feminine r-existence towards agroecology in the mangrove of the Caeté-Taperaçu Marine Extractive Reserve, Bragança-PA

NASCIMENTO, Josinaldo Reis¹; CARDOSO, Rosely Reis²; SILVA, Daniele De Sousa³; MATOS, Felipe Vieira⁴; SILVA, Maria Edite Ribeiro⁵; SOUSA, Jean Sousa⁶
¹Instituto Federal do Pará - IFPA Campus Bragança, josinaldo.reis@ifpa.edu.br; ²Instituto Federal do Pará - IFPA Campus Bragança, roselyreis91@gmail.com; ³Instituto Federal do Pará - IFPA Campus Bragança, danielesilvasusa69@gmail.com; ⁴Instituto Federal do Pará - IFPA Campus Bragança, felipevm153@gmail.com; ⁵Instituto Federal do Pará - IFPA Campus Bragança, edithsilvaribeiro@gmail.com; ⁶Instituto Federal do Pará - IFPA Campus Bragança, jeansousa2062@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Gênero, feminismos e diversidades na construção agroecológica

Resumo: Este trabalho apresenta os impactos socioeconômicos e agroecológicos do projeto Paneiro do Mangal. Em pesquisa desenvolvida entre janeiro de 2020 e junho de 2023 na comunidade do Tamatateua, na Resex Caeté-Taperaçu, Bragança/PA, foram entrevistadas 16 mulheres. O projeto apoia o escoamento, a diversificação e a transição agroecológica da produção de alimentos cultivados nos quintais produtivos das mulheres. Mesmo com todos os avanços do capitalismo, as camponesas vêm r-existindo e salvaguardando a agrobiodiversidade de suas comunidades. Os diálogos no contexto do projeto têm contribuído para a discussão sobre o acesso a direitos e à segurança alimentar, ajudando a desconstruir as bases sexistas que sustentam as desigualdades de gênero no campo. Questões ecológicas, econômicas, políticas e sociais são postas na busca por equidade nas relações de gênero. O coletivo de mulheres do Tamatateua é um exemplo a ser seguido em termos de organização, geração de renda e aumento da autoestima.

Palavras-chave: gênero; transformação social; organização feminina; transição agroecológica.

Introdução

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), 45% do total de alimentos produzidos nos países em desenvolvimento são realizados por mulheres camponesas. Essa importantíssima participação feminina pode representar um crescimento de até 30% na produção agrícola. Contudo, é necessário destacar dois pontos. Primeiro, que essas mulheres quase sempre exercem uma dupla jornada de trabalho, atuando no ambiente doméstico e na lavoura. Segundo, que 90% dos ganhos financeiros de suas produções agrícolas são reinvestidos na educação e no bem-estar de seus familiares, o que as fortalece politicamente na luta para diminuir as desigualdades de gênero no campo e contribui diretamente para a segurança alimentar do planeta (FAO, 2018).



Em última análise, no Brasil as mulheres camponesas são responsáveis também pelo manejo dos quintais produtivos, onde cultivam hortaliças e frutíferas, criam pequenos animais, beneficiam alimentos e produzem artesanato. Contudo, embora desse modo contribuam para a geração de renda e a conservação da agrobiodiversidade (ABRANTES et al., 2013), no geral os trabalhos por elas desenvolvidos se mantêm na “invisibilidade”. Muito em função desse contexto, a agroecologia vem se configurando como um campo potencial para o fortalecimento político de mulheres camponesas e, conseqüentemente, tem promovido o enfrentamento de sua condição de vulnerabilidade/invisibilidade e a conquista de mais respeito, tanto na esfera pessoal como familiar, assim como no campo produtivo e político (MOREIRA, 2019).

Diante do exposto, compreendemos que o diálogo entre as perspectivas agroecológica e feminista torna-se um caminho necessário para o enfrentamento político e científico de alguns dos desafios cotidianos vivenciados por mulheres camponesas da Amazônia. Ao evidenciarmos os impactos socioeconômicos de um projeto conduzido por um coletivo de mulheres da Resex Marinha Caeté-Taperaçu, suas contribuições para a construção agroecológica de quintais produtivos e para o fortalecimento político dessas mulheres, com esta pesquisa estamos reafirmando que, sem feminismo, não há agroecologia (MARINHO, 2020).

Metodologia

A pesquisa foi realizada ao longo do período de janeiro de 2020 a junho de 2023 na Comunidade do Tamatateua, uma das 42 comunidades existentes no entorno da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, no município de Bragança, no estado do Pará, zona costeira da Amazônia.

Nessas comunidades, uma parcela considerável da população, formada basicamente por pescadores e pescadoras artesanais, camponeses e camponesas, produz/reproduz seus modos de vida diretamente ligados à extração e à comercialização dos recursos pesqueiros e da agricultura de pequena escala, constituindo um verdadeiro maretório (NASCIMENTO, 2021).

Os dados foram coletados a partir de entrevistas que utilizaram um questionário semiestruturado, de acordo com Poupart et al. (2008), realizadas com 16 mulheres do coletivo Mulheres Guerreiras do Tamatateua que conduzem o projeto Painho do Mangal.

É oportuno destacar que todas as 16 interlocutoras nesta pesquisa foram esclarecidas sobre os propósitos da investigação e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Resultados e Discussão

O projeto Painho do Mangal, que desde 2020 é conduzido pelo coletivo de mulheres da comunidade do Tamatateua e apoiado por uma rede colaborativa de instituições, desenvolve ações que apoiam o escoamento, a diversificação e a



transição agroecológica da produção de alimentos cultivados nos quintais das integrantes do grupo (CARDOSO, 2022).

Coletivos de mulheres camponesas têm se mostrado fundamentais para a agroecologia. As mulheres são protagonistas das práticas agroecológicas e guardiãs da agrobiodiversidade, das sementes e dos saberes e fazeres tradicionais (MARINHO, 2020). Mesmo com todos os avanços das formas hegemônicas de reprodução capitalista, as mulheres camponesas vêm r-existindo e contribuindo para a preservação das variedades vegetais, incentivando a salvaguarda e o intercâmbio de sementes crioulas (FERREIRA, 2015). Como explicou uma de nossas interlocutoras:

Aqui nesta área eu planto de tudo um pouco. De tudo! Este jerimum ai, quase não se vê mais, eu guardo semente dele, vixi... faz tempo e já levei pra muito lugar. Aqui tem macaxeira da manteiguinha, sabe? (Interlocutora 03).

Nesse processo de r-existência feminina para salvaguardar a agrobiodiversidade, o existir ganha a dimensão do resistir (PORTO-GONÇALVES, 2008). É nesse embate que a agroecologia é compreendida, não apenas na perspectiva das práticas agrícolas, mas através das óticas socioeconômica, ambiental, política e cultural, capazes de gerar reflexões acerca dos impactos que os sistemas agrícolas dominantes são capazes de causar para a sociedade de maneira mais holística (WEZEL et al., 2009).

Para as mulheres que tiveram suas falas registradas nesta pesquisa, os quintais produtivos são espaços aos quais as famílias podem recorrer cotidianamente para o incremento das refeições, funcionando como um “banco” de temperos, hortaliças e frutas, exercendo um papel fundamental para a segurança alimentar e nutricional, além de gerar renda com a comercialização do excedente. Como explicou uma de nossas interlocutoras, referindo-se à maneira como o coletivo monta os paneiros recheados de alimentos produzidos em seus quintais e/ou fruto da atividade pesqueira exercida por seus familiares.

Os produtos são da agricultura como farinha lavada, farinha com coco, verduras que são cultivadas nos quintais. Farinha de tapioca, macaxeira, maxixe, jerimum, galinha caipira entre outros produtos da pesca (Interlocutora 08).

As ações do projeto Paneiro do Mangal tem contribuído também para a implantação de pequenos Sistemas Agroflorestais (SAFs), à medida que fomenta a transição agroecológica e amplia os quintais produtivos das mulheres que compõem o coletivo, mostrando a importância das mulheres nesse manejo. Esse cenário é corroborado pelos estudos conduzidos por Dias et al. (2020) sobre o protagonismo de mulheres quilombolas do Baixo Tocantins no manejo de quintais agroflorestais.

Por fim, os resultados da pesquisa revelam que essas ações conjuntas têm promovido o aumento da capilaridade de informações sobre questões políticas pertinentes aos processos de cogestão da Resex e, também, ajudado no fortalecimento dos laços identitários dessas mulheres e seus familiares com as suas



origens e com o próprio maretório da Resex Marinha Caeté-Taperaçu, revalorizando, de certo modo, a comunidade do Tamatateua.

Conclusões

Os diálogos proporcionados a partir do Paneiro do Mangal colaboram para que pautas como acesso à educação, feminismo e agroecologia escoem entre as fissuras abertas historicamente pelo sexismo e, assim, ajudam a desconstruir as bases insustentáveis tacitamente instituídas de desigualdades de gênero. Dessa forma, questões ecológicas, econômicas, políticas e sociais são postas na busca, mesmo que tardia, pela equidade nas relações de gênero.

O coletivo de mulheres do Tamatateua é um exemplo a ser seguido por outros grupos de mulheres das comunidades da Resex, em termos de atitude efetiva de organização feminina, de geração de renda e aumento da autoestima. Assim, será possível ecoar suas vozes em prol de seu direito de ter poder de decisão sobre suas vidas e suas formas de produzir, reafirmando que sem feminismo, sem autonomia das mulheres, não há agroecologia.

Agradecimentos

À Pró-reitoria de Extensão (PROEX) do Instituto Federal do Pará; ao Colegiado do Curso Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal do Pará (IFPA *campus* Bragança); ao Fundo Socioambiental CASA; à RARE Brasil; ao Instituto Nova Amazônia (INÁ) e ao *campus* Bragança da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Referências bibliográficas

ABRANTES, Karla Karolline de Jesus et al. Os meios de comercialização do excedente do quintal produtivo: desenvolvendo uma ação humana sustentável. In: ENCONTRO REGIONAL DA SOBER NORDESTE, 8., 2013, Parnaíba. **Anais [...]**. Parnaíba: Sober, 2013. v. 8, p. 1-16.

CARDOSO, Rosely. R. **Paneiro do Mangal**: uma experiência do grupo de mulheres da comunidade do Tamatateua, maretório da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu. 2022. 52 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Tecnologia em Agroecologia) – Instituto Federal do Pará, Bragança, 2022.

DIAS, Odenira C.; LOPES, Marcelo R.; AGUIAR, Amália; MEDEIROS, Monique; TECCHIO, Andréia. Quintais agroflorestais amazônicos: o protagonismo das mulheres quilombolas no Baixo Tocantins, PA. **Desenvolvimento Rural Interdisciplinar**, v. 3, n. 1, p. 46-73, 2020.

FAO. **FAO: trabalho das mulheres rurais é essencial para a segurança alimentar no mundo.** 18 out. 2018. Disponível em: <https://www.cfn.org.br/index.php/nutricao-na-midia/fao-trabalho-das-mulheres-rurais-e-essencial-para-a-seguranca-alimentar-no-mundo/>. Acesso em: 07 de jul. 2023.

FERREIRA, Ana Paula Lopes. **Acercamiento entre las perspectivas feminista y agroecológica potencializando procesos de empoderamiento de las mujeres rurales**



brasileñas, desde el territorio del Pajeú, Sertão del Pernambuco. Tese de doutorado, 2015. Universidad de Córdoba, Programa Recursos naturales y sostenibilidad y adscrito a la línea de investigación: agroecología. Córdoba, 2015.

MARINHO, Wanessa A. Sem feminismo não há agroecologia: uma análise da participação de lideranças de movimentos sociais na plenárias das mulheres no IV ENA. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 3, 2020.

MOREIRA, Sarah Luiza. S. **A contribuição da Marcha das Margaridas na construção das políticas públicas de agroecologia no Brasil.** 2019. 197 f. Dissertação (Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

NASCIMENTO, Josinaldo R. **Nos maretórios da Amazônia:** os desafios da gestão compartilhada nas Reservas Extrativistas Marinhas do nordeste do estado do Pará. 2021. 359 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

PORTO-GONÇALVES, Carlos. W. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. In: CECENA, A. E. (Org.). **De los saberes de la emancipación y de la dominación.** Buenos Aires: CLACSO, 2008. p. 37-52.

POUPART, Jean; JEAN-PIERRE, Deslauriers; GROULX, Lionei-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; ÁLVARO, Pires. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WEZEL, A.; BELLON, S.; DORÉ, T.; FRANCIS, C.; VALLOD, D.; DAVID, C. Agroecology as a science, a movement and a practice, A review. **Agronomy for Sustainable Development**, v. 29, n. 4, p. 503-515, 2009.